ANO III—N.º 753

PREÇO 5 CENTAVOS

Segunda feira, 9 de Maio de 1921

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhaba*-Lisboa • Telefóne 5339 C.
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA CONFERÊNCIA IMPORTANTE

Os delitos Sociais

O Código Penal é um Código de classe

Em Portugal é rara a franqueza de opiniões, principalmente entre os intelectuais. Estes, em regra, por uma certa cobardia moral, por um amor especial as situações desafogadas de que gozam, quando conhecem a verdade, se ela é desagradavel às classes predominantes, calam-na consigo. E parece que não sentem remorsos por esse facto.

No estrangeiro não acontece assim. Há homens que não se importam de arriscar a cabeça ao proclamar uma verdade. A verdade não se deve ocultar; a verdade não pertence a ninguém, pertence a tôda a gente.

O catedrático da Universidade Central, Luís Jiménez de Asúa, realizou há dias na Real Academia de Jurisprudência, em Madrid, uma conferência notável sôbre *Os delitos sociais e a reforma do Código Penal*. Pelo extracto, publicado em *El Sol*, que nós passamos a traduzir se verá quão importantes são as suas declarações:

O sr. Asúa classificou a delinqüência em atávica e evolutiva, que corresponde, respectivamente, à delinqüência comum e á delinqüência política. A primeira significa uma regressão bárbara no progresoo dos sentimentos morais, e a segunda inspira-se num desejo de perfeição da colectividade, e nutre-se quási sempre dum grande amor aos seus semelhantes.

Ao traçar o perfil moral do delinqüente político, movido por ideais, o orado separou desta categoria aqueles indivíduos que matam com preço estipulado e que só são o braço executor de paixões alheias. Neste último, encontram-se quasi os caracteres do delinqüente nato, enquanto que no político existe uma forte inclinação para o bem, qualquer que seja a crítica que nos mereçam os caminhos que escolha para alcançá-lo.

Manifestou que quando se fala de defeza, é hábito errar-se ao considerar a classe dominante e previlegiada como a totalidade da sociedade. Por isso se esquece que o Código Penal é um código de classe, e que representa uma série de privilégios, contra os quais luta uma parte também importante da sociedade.

A prova disto está no facto da morte, numa rixa, entre dois operários, se considerar assassinato, e a morte num duelo entre dois cavalheiros ser um acto de honra.

Na mesma concepção se inspira a reforma que agora se pretende fazer: ser vadio é um crime; mas isto só quando não se teem rendimentos; de maneira que, na realidade, o que se castiga é a pobreza.

Para demonstrar o atrazo da legislação espanhola, cita o último projecto do Código penal italiano, redigido em 1919, e aonde aos delitos sociais se dispensa a máxima benevolência, reservando-se o rigor da lei para os delitos comuns, que são os que revelam uma verdadeira depravação dos instintos. E isto em Itália que é um país profundamente perturbado pelas agitações sociais e políticas, enquanto Espanha é o país menos revolucionário do mundo, visto que não tivemos a revolução religiosa, que foi a Reforma, nem a verdadeira revolução política—pois entre nós tudo se resumiu em escaramuças e motins—e ainda hoje, o povo mostra a sua incurável mansidão suportando a última imoralidade dos políticos e assambarcadores.

Recordou que a verdadeira tradição da sciência jurídica espanhola é favorável ao tiranicidio e que a morte do príncipe tirano está defendida nos autores como Mariana e Suarez.

E' assim que um catedrático bastante considerado no meio intelectual espanhol analiza a questão social sob êste ponto de vista. Que dirão a isto os nossos governantes, que, vendo a vida pelo buraco estreito dos seus interêsses mesquinhos, pedem tribunais especiais, com a missão especial de condenar, de condenar sempre?

E' útil, neste momento em que o dr. sr. Joaquim Crisóstomo condena a existência do Tribunal de Defeza Social, o que é louvável, e alguns parlamentares e governantes pretendem mantê-lo, o que é lastimável, conhecer-se a opinião de Luís Jimenez.

Aí fica transcrita. Os nossos governantes e advogados que lhe consagrem a atenção que opinião tam abalizada merece.

CONFERENCIAS

Fernão de Magalhães

Conferência do dr. Teófilo Braga

O erudito dr. Teófilo Braga, não tendo por motivo de doença tomado parte na sessão solene que se efectuou no dia 24 do mês passado, nos Paços do Concelho promovida pela Academia de Sciências, para comemorar o 4.º centenário de Fernão de Magalhães, realizou ontem no salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa, uma interessante conferência, que começou pouco depois das 14 horas e terminou às 16.

Iniciou o dr. Teófilo Braga a sua conferência, mostrando, com uma extraordinária cópia de citações, a influência que certos factos históricos criaram na civilização moderna.

Quanto à volta ao mundo por Fernão de Magalhães, o dr. Teófilo Braga apenas a ela se referiu, declarando que o assunto fôra tratado largamente e por uma forma nitida pelo sr. dr. António Fernão, na sessão solene do dia 24 do mês findo.

O orador diz em seguida que o grande navegador Fernão de Magalhães obedeceu a uma influência atávica da grande civilização ocidental que foi destruida pelos homens corpulentos e louros do norte, que destruiram as florestas gaulezas e povoações inteiras, tendo-se apenas salvado alguns elementos druidas na Irlanda, os quais levaram depois para o Oriente as suas doutrinas que actuaram e tiveram influência nos hindus e béticos. Tal facto actuou na corrente religiosa que os cativos israelistas da Judea vieram, na forma messiânica, fazendo influir no cristianismo em Roma e mais tarde no islamismo dos árabes. Na Europa já então tinham entrado doutrinas, cujos objectos cultuais foram servir de apoio ao cristiasismo.

A raça bronzinera, diz o conferente, já tinha a navegação atlântica, como se provava com os seus tumulos deixados em volta do mundo. Assim sendo, a tradição não se havia perdido, e Fernão de Magalhães como um luso habituado às grandes deslocações de climas pelos conhecimentos que possuia do Pacífico e das Costas Oriental da América reconheceu a importância dêsse facto.

Falou depois o dr. Teófilo Braga àcêrca da civilização grega como prolongamento da civilização brônzea do Ocidente e bem assim dos romanos haverem recebido também a civilização ocidental. As línguas românicas não proveem, declara o conferente, do latim, mas sim da romanidade, lingua camum a todos os povos relacionados comercialmente no Ocidente.

Depois de se referir desenvolvidamente aos nossos conhecimentos náuticos quando Fernão de Magalhães fez a sua viagem de circumnavegação, o dr. Teófilo Braga de que as verdades matemáticas de Copérnico tiveram tôda a influência no conhecimento planetário, não tendo chegado até ao vulgo.

Na Universidade Livre

Com enorme concorrência realizou ontem nesta colectividade a terceira lição do curso «O problema da miséria, através da história», o dr. sr. Agostinho Fortes. Começou por dizer que os chamados tempos medievais não desconheceram as grandes convulsões económicas, embora destas se ecos enfraquecidos tivesssem chegado até nós.

O domínio da civilisação romana originou um estado de sincretismo social em que como num cadinho podem ser elaboradas novas formas. O feudalismo é uma das primeiras tentativas de organização e durante êle as classes pobres foram vítimas das mais crueis extorsões, dos mais deprimentes vexames que a própria igreja, apesar do seu enorme prestígio, não conseguiu atenuar. As comunas vieram atenuar um pouco êsses males, os burgueses ou homens bons organizaram-se e defenderam os seus interêsses, mas para estes formigava a multidão anónima dos trabalhadores que, vivendo em verdadeiras lutas, nem sequer eram consideradas pessoas. Mas o sofrimento tem os seus limites e os camponeses até então verdadeiros reprobos da humanidade revoltaram-se numa fúria insana matando, incendiando e martirisando. A burguesia ia pouco a pouco ganhando alentos, fortalecia-se economicamente e nas suas comunas organizavam fôrças guerreiras capazes de se impôr aos seus senhores mais turbulentos e audaciosos.

As artes e ofícios constituia-se em confrarias fechadas, uma espécie de maconaria, que lhes ia grangeando riqueza e concomitantemente intervenção na vida política. Na Itália, as repúblicas comerciais davam ensejo à expansão das rivalidades entre as classes organizadas que entre si disputavam pre ponderância, mas a grande massa continuava mergulhada na máxima miséria moral e intelectual, de que só a pouco e pouco se ia emancipando. A igreja, grande fôrça moral da época, pouco contribuiu para a melhoria económica mais infima da sociedade se bem que os franciscanos tivessem pela primeira vez a coragem de prégarem o ódio à riquesa e de chamarem irmãos a todos os homens. Tôdas as utopias que então se formavam revestiam-se de caracter religioso e todos aqueles que sonhavam um mundo melhor esperavam-no da acção de Deus Ao terminar o conferente foi muito aplaudido pela numerosa assistência.

Sociedade naturista

Realiza-se hoje pelas 21 horas, na rua Antonio Maria Cardosa, n.º 20, a 5.ª conferência do dr. sr. J. Bentes Castel-Branco, com o tema «Higiene naturista e suas aplicações práticas».

A sorte dum aventureiro

Wrangel e a França

PARIS, 8.—O sr. Auguste Gauvain, nos *Debats*, diz que o govêrno francês convidou recentemente o general Wrangel a dissolver os restos do exército da Crimea, refugiados em diferentes locais e cuja manutenção era paga pelo tesouro francês. O sr. Gauvain diz que esta decisão não foi interpretada como devia ser por certos meios russos, e que certos telegramas tendenciosos fôram enviados de Constantinopla ao quartel general do general Wrangel, contendo acusações contra as quais é necessário protestar.

O tesouro francês não podia de forma nenhuma suportar a manutenção de um exército estrangeiro completamente inútil e inutilisável. A grande maioria dos soldados de Wrangel desejavam ardentemente retirar-se. Alguns milhares que embarcaram nos vapores *Reichid-Pacha* e *Lon* deram vivas entusiásticos em honra da França. Não se confirmaram até hoje os boatos espalhados, segundo os quais êsses soldados teriam sofrido vinganças terríveis a quando da sua chegada. Tôda a questão se reduz a isto: o estado-maior do general Wrangel, que não soube com 100.000 homens defender os istmos da Crimea, tendo apenas sabido organizar a fuga, pretende agora impor-se aos aliados e à França em particular, gabando-se de representar a verdadeira Rússia. Não há nada a esperar de homens que deixaram tomar posições inexpugnáveis e que conduziriam os seus soldados a um novo desastre.—*Rádio*.

NOTAS & COMENTARIOS

Abortos

Dizem por aí que da discussão nasce a luz. Nunca houve época em que os homens discutissem tanto como na que decorre. E no entanto ontem até às 22 horas e vinte minutos não tivemos luz para trabalhar. As Companhias reünidas de Gaz e Electricidade, apesar de muito discutidas, não nos forneceram luz que alumiasse as nossas oficinas. Não calculam os leitores quanto êste facto está ligado à antiga Grécia. Não se pense que é pelo motivo de na antiga Grécia não haver electricidade, como não há em Lisboa. Não, o caso é muito diferente. E' porque na antiga Grécia matavam-se os abortos à nascença. Mas que terão os abortos com a luz? Perguntar-se há. Nós responderemos que tudo isto se relaciona. Os gregos matavam à nascença os tortos, os mancos e os cegos, para que a sociedade fôsse composta de homens perfeitos. Ora, as Companhias reünidas de gaz e electricidade constituem um verdadeiro aborto, um impecilho que não anda nem deixar andar os outros. Comprometeu-se a fornecer gaz e o gaz não aparece; promete-nos electricidade e a electricidade é uma *blague*, com a agravante de não permitir que qualquer outra empresa aproveite tôda essa água do Tejo, que corre, desperdiçando-se, para o mar, e dela arranque um fôrça de alguns milhões de cavalos que chegariam para iluminar uma dúzia de cidades como Lisboa. São verdadeiros abortos as tais companhias reünidas, que a Câmara Municipal não teve coragem de matar à nascença. Mas ainda é tempo...

O que mais seria?...

Ontem, num jardim de Lisboa, tivemos ocasião de apreciar o critério de certa professora. Acompanhada de uma dúzia de garotas de tenra idade, a velha professora entrou alegremente no jardim. Deu ordem de merendar e as pequenas sentaram-se em bancos, comendo com propósito exemplar. Quando a mais vagarosa acabou de mastigar a ultima côdea de pão, a mestra deu ordem de brincar e as meninas brincaram, correndo atrás umas das outras, guinchando e espinoteando como cãesitos que, depois de terem estado muito tempo amarrados, se sentiram, de súbito, à solta. Passados momentos ainda a velhota deu nova ordem—cantar e dansar—e as petizas deram-se as mãos e dansaram. As canções além de estúpidas eram preversas. Mas a professora, sorrindo, deliciava-se com essas cantigas mal feitas, acompanhando baixinho os versos imorais e marcando com assentimentos de cabeça o compasso da música.

Em determinada altura as pequenitas esqueceram os versos.

Quem sabe lá, olaré
Quem ela namora
.....
A mão lh'apertou
A mão lh'apertaria...

E as alunas não sabiam mais.

Quando chegavam à «mão lh'apertaria» estacavam, rebuscando na memória, que mais poderiam fazer dois namorados, conforme a canção descrevia, depois de se terem apertado as mãos. «A mão lh'apertaria» e não iam para diante. Então a professora, sempre sorridente, levantou o indicador e ensinou as alunas, cantando ela propria, cadenciadamente:

A mão lh'apertaria
Quem sabe lá, olaré
O que mais seria?...

«A Novela Vermelha»

A Novela Vermelha, que *A Batalha* editou e a administração e tôdas as livrarias vendem, alcançou um autêntico sucesso. O primeiro milhar está quási esgotado e à hora em que os nossos leitores passarem sôbre esta nota o seu olhar enfastiado, deve principar a imprimir-se o segundo milhar. Crêmos que o sucesso desta novela, *A Expiação*, de Manuel Ribeiro, se deve, em grande parte, ao facto de, pelo penos 50 % dos leitores, já terem estado presos. *A Expiação* passa-se no Limoeiro...

A Baviera monárquica

PARIS, 8.—Um obstáculo grande à formação de qualquer govêrno na Alemanha é a atitude do dr. de Kahr, presidente do conselho bávaro que se recusa a proceder ao desarmamento das guardas cívicas.—*Rádio*.

O clericalismo em França

PARIS, 8.—Já começaram as festas em homenagem a Joana d'Arc na cidade de Orleans, com presença dum delegado do Papa e de numerosos prelados.—*Rádio*.

A questão irlandesa

LONDRES, 7.—Sir James Craig, eleito primeiro ministro do Ulster, e De Valera, tiveram uma importante conferência, em que mostraram os seus pontos de vista, e discutiram o futuro da Irlanda.—*Rádio*.

A situação na Alemanha

LONDRES, 7.—O correspondente em Berlim do *Times* diz que a queda do govêrno foi provocada pela falta de confiança no dr. Simons, o que é amargamente constatado pela imprensa de Berlim.

A opinião popular alemã espera que haverá assentimento ao ultimatum dos aliados, e está muito confiada que se chegará a um acôrdo.—*Rádio*.

A ARTE E OS ARTISTAS

«O Condenado»

Um «film» português—O drama—A beleza panoramica suplantando o trabalho dos artistas

Desde que os *films* americanos se introduziram, como ladrões de consciências, furtivamente em Portugal e começaram a invadir os *écrans* com aventuras extraordinárias de polícias amadores e gatunos célebres, a cinematografia deixou, para mim, de ter interêsse. Após as primeiras leituras de garoto, tenho passado a minha vida a fugir da literatura recambolesca. O cinema tornou-se, de súbito, numa espécie de biblioteca de quiosque, plena de acrobacias sherlocomescas e impossíveis, e fugi também da cinematografia. O *écran*, como o papel, consente tôdas as imoralidades sem um protesto. O *écran* tem sido nestes últimos tempos uma parede branca tracejada de figuras obscenas.

Só de quando em quando uma fita de valor nos arrasta a um cinematógrafo.

No salão Olímpia está-se exibindo actualmente um *film* português, que não é de aventuras de Rocambole, nem de Nick Carter, nem de miss Boston. As empresas portuguesas, felizmente, ainda não exploram as fitas policiescas por séries intermináveis; são, nesse ponto, absolutamente honestas.

Esse *film* que decorre no Olímpia atraiu-me a atenção por duas razões: a primeira, porque se trata duma produção portuguesa; a segunda por ser da autoria do dr. sr. Afonso Gaio, cujas peças teatrais, me garantiam no cinema uma arte séria, moral e perfeitamente oposta ao *sujet* apalhaçado e pueril das fitas americanas.

O entrecho do *Condenado, film*, é nas suas linhas gerais o entrecho do *Condenado*, peça. Trata-se dum orfão infeliz, o *Lêndea*, de quem Mariana se condoi, arrancando-o, em pequeno, aos maus tratos de Andreza, mulher de coração empedrenido, levando-o para sua casa. Dá-se a coincidência de Mariana ter uma filha, Maria do Rosário, irmã colaça do pobre *Lêndea*.

Na companhia de Mariana, dum irmão desta, o Tadeu, e da pequena Maria do Rosário, *Lêndea* leva uma vida calma. Durante dôze anos não houve desgôsto forte que agitasse aquelas três almas de provincianos.

Uma tarde a pequena Maria do Rosário, que então contava 19, ouve da boca dum rapaz, o Ricardo, as primeiras palavras de amor. Amam-se com simplicidade aquelas duas almas simples e o casamento apraza-se para depois de Ricardo servir na vida militar.

Enquanto Ricardo se encontra na caserna, afastado de Vila Nova de Ourem, onde o drama se passa, há um fidalgo, vizinho, que após um plano bem estudado, consegue, com o auxílio duma serva de Mariana, desflorar Maria do Rosário.

Quando Ricardo volta da vida militar, sabe, por angustiosa confissão de Maria do Rosário, a terrivel traição de que foi vítima por parte do fidalgo.

Lêndea que já era sabedor do caso tenta impedir Ricardo de matar o fidalgo, alegando que esse dever lhe competia a êle cumprir, porque não tinha, como Ricardo, mãe e noiva a quem desgostar. No entanto, Ricardo não desiste do seu plano. E uma noite, depois da conhecida festa provinciana, a descamisada, após uma breve altercação entre os dois amigos, Ricardo assassina, numa volta da estrada, o fidalgo arrogante. Lêndea apparece nesse momento dando fuga a Ricardo, colocando-se junto do cadáver ao mesmo tempo que a multidão chegava atraída pelo ruído do tiro disparado pelo fidalgo. Encontrando-se o *Lêndea* com a navalha ensanguentada na mão, acusam-no de assassino. E num sacrifício sublime, para não desmanchar a felicidade de Maria do Rosário, *Lêndea* deixou-se condenar. Só depois de lida a sentença, Maria do Rosário é conhecedora da verdade. Era tarde, porém. O *Lêndea* foi degredado e Ricardo casou-se com Maria do Rosário, que deu à luz um filho do fidalgo. Ricardo, no entanto, não era feliz. O filho que não era seu e como seu o tomavam e o remorso, afastavam-no da esposa. Procurava na taberna o esquecimento da sua mágua. Um dia, numa rixa, Ricardo é ferido mortalmente, confessando-se ao padre Anselmo, na hora da morte, autor do assassinato.

Seis anos depois *Lêndea* é perdoado e regressa à terra. E com grande escândalo da vizinhança, que ignora toda a verdade, casa com Maria do Rosário.

E' esta, em síntese, a acção dramática da fita.

Ora, se no teatro a acção dramática se concentra em três ou quatro actos e poucas scenas, no cinema esses actos compõem-se de grande número de scenas afim de prender o olhar do espectador. No teatro o diálogo pode fazer esquecer o scenário. No cinema o diálogo desaparece, sendo essa forma de atraír a atenção do público, trocada pela variedade de scenas, que excitam constantemente a nossa curiosidade. Porém, se a beleza do scenário ou do panorama, onde os episódios se desenrolam, são apenas um acessório do drama, como o fundo dum retrato, por mais variado que seja, tem de ser sempre um acessório—o *film* é dramático. Mas se, por deficiências do desempenho, que não prende o espírito do espectador, a paisagem, o scenário, o panorama, nos distraem do assunto, que é o drama, a fita deixa ser dramática para ser panoramica, e o drama é um motivo apenas, que favorece o desenrolar, ante os nossos olhos, de variados assuntos panorâmicos.

Ora, é precisamente êste o caso que se dá com o *Condenado*. Houve da parte da empresa, para não nos massar sempre com o mesmo ambiente e as mesmas figuras, o louvável intuito de fazer decorrer o drama junto de paisagens e monumentos belos, formando assim quadros admiráveis. Os actores, porém, não puderam corresponder a êsse intuito, porque, inexperientes neste género de trabalho, uns, faltos de valor artístico, outros, ficaram apagados, pequenos, despercebidos, junto da beleza do scenário.

Analisando mais detalhadamente o desempenho, nota-se que os papeis principais fôram horrivelmente tratados. Para conseguir a intensidade dramática, quási todos êles repetem o mesmo êrro—a gesticulação desesperada. A scena entre o *Lêndea* (actor Joaquim de Oliveira, e o Ricardo (Júlio Soares), antes da morte do fidalgo (Almada Negreiros), quando ambos pretendem praticar o crime, chega a ser cómica, tal é o exagero da gesticulação. De facto, o gesto tem de ser expressivo, na na arte do silêncio, mas a expressão raras vezes está na abundância de movimentos. Joaquim de Oliveira, que desempenha o papel principal, é talvez, de todos, o mais inábil. As expressões fisionómicas, quando pretendem exteriorizar dor, dão-nos vontade de rir. Ana Pereira pouca ocasião teve de mostrar as suas qualidades porque o seu papel é secundário. Joaquim Costa, foi correcto; Almada Negreiros não era um fidalgo sedutor. Era simplesmente Almada Negreiros. Chico Redondo houve-se bem; encarnou com precisão o tipo de taberneiro.

Duma maneira geral, notou-se vontade de acertar.

Se se suprimissem algumas scenas supérfluas e outras ridículas, como aquela em que os actores sobem à Torre de Belém, à guisa de apoteose de revista; se se cortassem os dois finais, porque o *film* termina três vezes seguidas, pondo ponto final quando o *Lêndea* e Maria do Rosário trocam o primeiro beijo de amor, *O Condenado*, sem deixar ainda de ser mais panorâmico que dramático, ficava um trabalho quási equilibrado. Não se pode fazer com que os actores representem melhor, mas creio ser possível amputar algumas scenas, de forma a tornar a fita mais correcta.

Enfim, atendendo ao pouco desenvolvimento da cinematografia portuguesa e à inexperiência dos actores, neste novo género, é uma boa fita. Boa pela nitidez, pelo carácter regional, pelo lado artístico e instrutivo, porque regista muitos hábitos populares e mostra grande número dos nossos monumentos; boa ainda porque... enquanto ela se exibe, os *films* imorais importados de França e os trabalhos estupidificantes vindos da América, esperam. Oxalá êles esperem eternamente.

Mário DOMINGUES

As pretensões polacas na Alta Silésia

PARIS, 7.—Os delegados do comité executivo da União das Sociedades polacas de Varsóvia entregaram ao representante das potências estrangeiras, um memorial, pedindo insistentemente que os distritos da Alta Silésia, cujas comunas deram a maioria dos seus sufrágios aos polacos, sejam anexados à Polónia, e imediatamente ocupados pelas tropas polacas.—*Rádio*.

A GREVE DOS Trabalhadores dos jornais

Convocações

A Comissão Executiva Pró-Aumento de Salários dos Trabalhadores de Jornais convida todos os grevistas e mesmo aqueles que já se encontram a trabalhar para uma reunião magna que se realiza hoje, às 16 horas, na Associação de Classe dos Caixeiros.

São também convocados todos os membros da Comissão Executiva a reúnir-se hoje, às 14 horas, na Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa.

A Comissão Executiva convida o pessoal de tôdas as secções do jornal *A Pátria* a reünir hoje, às 18 horas, na Associação dos Trabalhadores da Imprensa.

OS MINEIROS INGLESES

LONDRES, 7.—Vão recomeçar as negociações entre os grevistas mineiros e os proprietários das minas. Será árbitro Sir Arthur Duckban, que parece ter tôda a confiança da Federação de mineiros.—*Rádio*.

Universidade Popular Portuguesa

NA IV secção da Universidade Popular Portuguesa, na Associação dos Operários Arsenalistas do Exército, realiza o dr. sr. Ferreira de Macedo a segunda lição, sob o tema O que é a Educação.

Estas interressantissimas lições estão despertando enorme interêsse, sendo de esperar que hoje a confortável sala daquele sindicato se encha de operários, de arsenalistas principalmente.

UMA DATA OPERÁRIA

O 1.º de Maio através do país

As manifestações do proletariado

Na Covilhã

COVILHÃ, 5.—A data gloriosa do 1.º de Maio teve também nesta cidade a sua comemoração, embora longe da característica revolucionária que esta data encerra.

Afim de nela tomarem parte, os corticeiros de Castelo Branco nomearam uma delegação, que se fez acompanhar pela banda dos Bombeiros Voluntários daquela cidade e muito povo, que se fizeram transportar para aqui em *camions*, chegando às 12 horas. Após a sua chegada organizou-se um cortejo que se dirigiu à Casa do Povo tendo durante o precurso, sido erguidos muitos vivar à *Batalha*, C. G. T., e Revolução Social, executando a banda o hino 1.º de Maio, realizando-se ali uma sessão de boas vindas.

A's 16 horas, de novo se formou o cortejo incorporando-se a banda dos Bombeiros Voluntários de Castelo Branco, com o seu estandarte, construção civil e a sua bandeira e muito povo, que se dirigiu para o Albergue dos Inválidos do Trabalho.

Durante o percurso repetiram-se as manifestações, e ao chegar ao referido Albergue, das suas janelas um grupo de gentis meninas lançou sôbre os manifestantes muitas flores, que foram recebidas com uma salva de palmas, sendo depois fornecido aos albergados um jantar, a expensas do operariado, que decorreu animadamente.

Em seguida, das janelas do Albergue, improvisou-se a mesa do comício, falando Manuel da Cruz Curto, que aludiu ao significado do 1.º de Maio e às violências governamentais exortando os presentes à defeza dos seus interêsses.

Segue-se João Lopes Bola, pela comissão do 1.º de Maio; José Caitano, pela Associação Têxtil; Alberto Castanheira, pelo S. da Construção Civil; delegado dos Corticeiros de Castelo Branco; José Serrano e António Lopes George, que se referem ao 1.º de Maio, atacando o tribunal de excepção e verberando o procedimento dos governantes em conservarem encarcerados operários cujo unico delito consiste em defenderem uma sociedade melhor.

Em seguida é dada a palavra ao camarada Alfredo Marques delegado da C. G. T., que faz um apêlo a todos os presentes para que neste dia de consagração aos mártires de Chicago, afirmem a sua solidariedade para com todos os presos por quuestões sociais. Descreve o significado do 1.º de Maio, ataca com veemência tôdas as leis de excepção, refere-se à convulsão social, motivada na desigualdade económica e exorta os presentes ao estudo da sua situação, terminando por uma dissertação doutrinária.

Promoveu-se uma quete a favor dos presos por questões sociais, que rendeu 115 escudos.

Antes de encerrar o comício, o presidente apresenta uma moção que foi aprovada por unanimidade, cujas conclusões são as seguintes:

«A Covilhã, reunida em comício público no dia 1.º de Maio, passando em revista as suas desditas e os seus sofrimentos, delibera:

1.º Saudar efusivamente a C. G. T., crente de que realizada a organização sindical de todos os trabalhadores a gestão patronal hade ceder o seu logar à gestão sindical, porque só assim a vida económica assentará numa base sólida sem crises de trabalho que determinam o aniquilamento físico dos trabalhadores;

2.º Dar todo o apoio à Comissão Pró-presos por Questões Sociais para que ela prossiga na sua tarefa até vêr realizada a libertação daqueles que as injustiças sociais levaram às prisões. Nesse sentido, o comício encarrega a mesa de telegrafar aos srs. presidente da república, presidente da câmara dos deputados e presidente do senado;

3.º Reclamar das autoridades locais para que a lei que estabelece o horário de trabalho se cumpra integralmente, sem sofismas, punindo os contraventores. O povo trabalhador, ao fazer esta reclamação não pretende, como afirmam as classes burguesas, deixar de trabalhar, mas antes deseja que o trabalho seja dividido por outros que, parasitando, sugam ao Estado o que de proveitoso poderia ser aplicado ao fomento da nação;

4.º Pugnar pela mais completa liberdade de reunião e de imprensa, desejando assim que se cumpra o estatuído na Constituição da República Portuguesa;

5.º Aguardar que a Associação Industrial e Comercial cumpra o que ficou assente nas reuniões efectuadas entre a Comissão de Melhoramentos da Associação de Classe dos Operários da Indústria Têxtil depois de terminada a greve declarada em 18 de Março p. p;

6.º Nomear uma comissão, do que se encarregará a respectiva mesa, para manifestar ao sr. administrador do concelho o seu vivo agradecimento pela atitude tomada perante a grave questão da falta de casas e também procurar todos os advogados da Covilhã, lembrando-lhes a inconveniência de aceitarem procurações para acções de despejo;

7.º A classe operária da Covilhã, compreendendo que o Estado deve manter-se neutral nas lutas entre o capital e o trabalho, protesta contra o que os governos adoptaram de empregar militares nas oficinas em greve. Assim manifesta a sua solidariedade aos trabalhadores dos jornais e deseja que os militares sejam, desde já, retirados das oficinas;

8.º Manifestar também aos operários da construção civil da Covilhã a sua solidariedade para que saibam levar por deante o seu movimento pró-8 horas de trabalho;

9.º Compreendendo que as leis de excepção só ferem os trabalhadores e de propósito elas se elaboram, lança o seu veemente protesto contra as mesmas e actuará para que os tribunais executores dessas leis terminem a sua função;

10.º Desta moção se dará conhecimento à autoridade administrativa e à C. G. T.»

No final do comício foi aberta uma quete a favor dos presos por questões sociais, a qual rendeu cento e tanto escudos.

Em Aldegalega

ALDEGALEGA, 2.—Promovida pela Associação dos Operários Corticeiros realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda operária, a que assistiram dois delegados da Federação Corticeira.

Falou Antonio Portel, delegado daquele organismo, que faz a apologia das 8 horas de trabalho e da necessidade dos trabalhadores se organizarem com o fim de conquistar melhores dias.

Silvério dos Santos, também delegado da mesma Federação, diz que se encontra satisfeito em ver nesta localidade mais um sindicato corticeiro. Falando sôbre o militarismo diz que esperava com a última guerra ter desaparecido tal casta, vendo, porém, o contrário.

António G. Costa refere-se às dificuldades na formação da Associação de Classe da Indústria Corticeira nesta localidade, e elogia a educação ministrada pelo regime sovietista ao povo russo e o movimento agrário que se tem desenvolvido, prevendo assim a aproximação da Revolução Social.

A seguir Luciano Sobral faz várias apreciações sôbre os chamados refractários aos seus deveres associativos.

Foi aprovada uma moção com as conclusões seguintes:

Os operários da indústria corticeira, reünidos em sessão extraordinária de classe, resolvem:

1.º Manter o horário de trabalho das 8 horas, e não consentir por principio algum que o mesmo seja desrespeitado;

2.º Reclamar do Estado a liberdade de reünião, de associação e livre expressão de pensamento, quer pela palavra quer pela imprensa;

3.º Revogação de tôdas as leis de excepção e dos respectivos tribunais;

4.º Libertação imediata de todos os presos por delitos referentes às questões sociais.

Ao terminar a sessão foi tirada uma quete a favor dos trabalhadores de jornais, que rendeu a quantia de 18$20.

Em Aldeia Nova

ALDEIA NOVA, 5.—C.—Os trabalhadores rurais desta localidade, efectuaram no dia 1.º de Maio uma sessão solene comemorativa daquela data, na sede do seu Sindicato, na qual falaram vários camaradas.

Foi aprovada uma moção com as conclusões seguintes:

Os rurais de Aldeia Nova, reünidos em sessão solene, resolvem reclamar do govêrno: 1.º A libertação de todos os presos por questões sociais; 2.º O respeito e cumprimento pela lei que rege as associações de classe; 3.º A retirada de todos os militares que estão ao serviço do jornalismo mercantilista.

Em Monte Estoril

MONTE ESTORIL, 2.—C.—As manifestações do 1.º de Maio decorreram bastante animadas em todo o concelho, havendo sessões de propaganda nas sedes das colectividades operárias, que estavam repletas de trabalhadores. Os maquinistas da Sociedade Estoril enfeitaram com flores as respectivas máquinas.

Em Ponte do Lima

PONTE DE LIMA, 3.—C.—Revestiu certa imponência a comemoração do 1.º de Maio nesta vila. O operariado, acompanhado duma banda de música que executava o hino 1.º de Maio, percorreu várias ruas, erguendo vivas à emancipação operária, povo trabalhador, etc., o que não agradou às classes previlegiadas que olhavam a multidão com um certo ar desdenhoso... Tenham paciência, que o povo já vai conhecendo o que vale.

A's 17 horas realizou-se uma sessão solene no Grémio Operário, que teve grande concorrência, e na qual fizeram uso da palavra vários oradores, que se referiram aos mártires de Chicago, à verdadeira significação do 1.º de Maio e à miséria porque vem passando o povo trabalhador, enquanto os que nada fazem se locupletam com o produto do esfôrço dos modernos escravos.

Em Marvila

MARVILA, 2.—Pelas 15 horas de ontem realizou-se uma sessão de propaganda, comemorativa do 1.º de Maio, à qual assistiu grande número de trabalhadores.

Falaram José Gonçalves, João Seara, Bernardes, Carlos Santos, Heitor Veiga e António S. Marques, que se referem largamente à significação do dia, ao regime das 8 horas de trabalho e às perseguições constantes à organização operária e seus militantes por parte dos governos, apelando para os presentes no sentido de auxiliarem os presos por questões sociais.

Propaganda sindicalista

Imponente sessão realizada em Gonçalo

GONÇALO, 1.—P.—O operariado da Beira Baixa, tam refractário á organização deferencia-se neste recondito canto, tendo mais de uma vez a *Batalha* ocasião de informar os seus leitores do espírito revolucionário dêste povo, que se não tivesse este predicado a caracterisá-lo, quasi não se notáva a sua existência posto que, a própria carta corográfica, não dá nota da existência deste lugar, ou se confunde entre a sua delineação, tal a sua pequenez..

Em compensação, a capacidade revolucionária dos seus habitantes, marca lugar nas regiões oficiais que teem procurado, sem o conseguirem, abafar os seus justos protestos.

Existe nesta localidade apenas uma Associação de Classe,—a dos Cesteiros—mas o seu influxo verifica-se grandiosamente já nas restantes.

Mais outra afirmação acabamos de verificar dêstes camaradas.

Em missão de propaganda da Federação Mobiliária, chegou a esta localidade, no passado sábado, o camarada Alfredo Marques, secretário geral daquele organismo, afim de realizar na sede da Associação dos Cesteiros uma palestra, com o têma «O valor da Associação de Classe».

No local denominado a Cascalheira, aguardava a sua chegada grande número de camaradas, que anunciaram a sua chegada com foguetes.

A's 21 horas, na sede do referido sindicato, faz a apresentação de Alfredo Marques, que é recebido com uma salva de palmas, o camarada José Luís Soares, que depois de uma breve alocução dá a palavra ao orador.

A sala das sessões e a rua onde se encontra instalado êste sindicato encontrava-se apinhada de gente, predominando o elemento feminino.

Alfredo Marques principia por descrever a largos traços a origem das Associações de Classe e do Sindicalismo Revolucionario, e faz a crítica do messianismo que imperou por largo tempo dentro da organização.

Passa em revista os acontecimentos internacionais, demonstrações concludentes do desmoronar desta sociedade, e alude minuciosamente ao valor moral da organização operária e ao papel que a mesma tem a desempenhar num futuro que se avizinha.

Exorta a assemblea ao estudo de todas as questões que a interessam, e cai a fundo sôbre os politiqueiros cá do burgo, que, aproveitando-se da obscuridade do povo, pretendem desvirtuar, nas suas falsas afirmações, o carácter das suas manifestações.

Este nosso camarada e amigo que prendeu a atenção da assemblea cêrca de duas horas, termina por demonstrar os inconvenientes do sectarismo dos povos, causa primacial de todas as tiranias, resaltando a conveniência de um estudo proficuo dos assuntos que a eles lhes dizem respeito, sendo no final muito aplaudido.

Por último foi aberta uma quete a favor dos presos por questões sociais.

A BATALHA vende-se em Paris na rua Abbeville.

130

HOJE NO COLISEU às 21,30: estreia da famosa violoncelista BERNAERT e magníficos trabalhos de GREAT CARMO

(27)

O COMUNISMO NOS TRIBUNAIS

O julgamento dos dez

Uma tentativa da reacção francesa miseravelmente falida

Foi assim, meus senhores, que decorreu o movimento de Fevereiro. Há mais: quando recebemos ordem da Federação para retomar o trabalho eu não fui de opinião que o fizéssemos, e os meus camaradas também não, porque já supunhamos que o acôrdo estabelecido entre a Federação e os poderes públicos nos não satisfaria. Foi preciso que Monmousseau se antepuzesse ao nosso *comité* de greve para obrigar-nos a respeitar a disciplina sindical. Foi perante as suas declarações e após discussão que nos inclinámos ao seu parecer, tendo então lugar o regresso ao trabalho.

O advogado *Torrès*.—O senhor não tem qualquer responsabilidade pessoal a reivindicar, visto que não foi, naquela emergência, mais que o fiel agente de execução da vontade dos seus camaradas ferroviários. O senhor disse-nos, e os srs. jurados tomaram nota, que a influência de Monmousseau se manifestara sob a forma de um chamamento à disciplina sindical. O regresso ao trabalho, a que muitos militantes não queriam associar-se, deveu-o a C. G. T. à influência e à acção de Monmousseau. Foi necessária a intervenção dêste para alcançar-se aquele resultado.

A testemunha.—Findo que foi o movimento de Fevereiro, Monmousseau partiu de novo para tratar-se, deixando de assistir às nossas deliberações e às nossas discussões nos sindicatos até os primeiros dias do Congresso.

«Havia entre os ferroviários uma grande efervescência, em virtude de não ser respeitado o acôrdo estabelecido. Era preciso recomendar a todos os momentos aos nossos camaradas que se mantivessem calmos e aguardassem as decisões do Congresso.

Inspirando-nos nesta efervescência, neste estado de espírito, nas vésperas do Congresso realizávamos uma assembleia geral no nosso sindicato, para lá discutirmos a ordem do dia do Congresso. Algum tempo antes da reünião eu próprio redigi uma moção em que se propunha que o Congresso nomeasse uma comissão encarregada de lembrar ao sr. presidente do ministério as declarações por êle feitas, e que, no caso de não obtermos satisfação, se tratasse de uma acção para fazer respeitar o acôrdo estabelecido entre a Federação e os poderes públicos.

«Apresentei essa moção na assembleia geral, que aprovou por unanimidade. Eu mesmo fui designado, como secretário delegado, de apresentá-la ao Congresso.

«No primeiro dia do Congresso tornei a ver Monmousseau às portas de Japy.

Pu-lo ao corrente da moção; e, assim que o Congresso iniciou os seus trabalhos, apresentei-a e usei da palavra para defendê-la. Declarei que uma comissão devia procurar nesse mesmo dia o presidente do ministério para saber-se a sua resposta durante o curso dos nossos trabalhos. Acrescentei que se nos não fosse dada satisfação deviamos reclamar um movimento.

A votação aprovou unanimemente a nossa moção. Foi escolhida uma delegacia, de que eu fiz parte como proponente. Fomos à presidência do conselho e entendemo-nos com o secretário do gabinete, porque o presidente do ministério estava nessa ocasião em S. Remo. Durante todo o decorrer do Congresso esperámos uma resposta. Ela foi para nós como que um desafio a que o congresso devia responder. Foi o que resolveu por unanimidade. Vêem pois os srs. jurados a forma por que foi votada a moção. Monmousseau foi completamente estranho a isso. Se se quer reter algum ponto particular, há o facto de ter esta moção precipitado o movimento que veiu a declarar-se no Primeiro de Maio.

Marc Sangnier

Marc Sangnier lembra que há em França um grande número de operários socialistas ou sindicalistas que se afirmam inimigos da sociedade actual, da sociedade burguesa, como êles lhe chamam; que estão dispostos a transformá-la, afirmando todos que essa revolução não poderá talvez fazer-se sem violências. E' o que dizem todos os deputados socialistas, mesmos os mais moderados, ministeriáveis até, como o meu amigo Paul-Boncour.

«Pois bem! Eu acho um tanto triste para uns êsse excesso de honraria, e para outros êsse excesso de indignidade. Há nisto muita injustiça, porque, em suma, uns e outros teem doutrinas semelhantes. Simplesmente, uns são talvez mais ingénuos na maneira de defendê-las, enquanto os outros teem mais habilidade política, mais tato na maneira de preparar a opinião.

«Penso que talvez haja algum perigo em condenar homens que sempre se afirmarão condenados, não pelos seus actos—pois vê-se bem que êles não fizeram ainda revolução nenhuma, o que êles fizeram foi uma greve e as greves são legais—mas pelas suas opiniões. Pois bem! E' perigoso, infinitamente perigoso, perseguir opiniões, porque uma opinião perseguida é essencialmente uma opinião simpática.

Torrès.—Queria preguntar-lhe se se não lembra duma encíclica na qual o papa, em 1894, dirigiu aos povos inquietos palavras verdadeiramente revolucionárias, onde o próprio Papa fazia apologia do direito operário. Dizia êle: «Os trabalhadores, isolados e indefezos, viram-se com o tempo entregues à mercê de seres humanos, e à cupidez duma desenfreada concorrência. O monopólio do trabalho está nas mãos dum pequeno número de ricos que reduzem a um jugo quási servil a multidão infinita dos proletários».

«¿Está lembrado, sr. Marc Sangnier, o senhor que era não digo já o depositário destas ideas pontificais demasiadamente justas, mas pelo menos um dos representantes mais eminentes, no nosso país, das tradições de Lião XIII, lembra-se das condições em que aquelas palavras foram pronunciadas e qual era o alcance delas?

Marc Sangnier.—O senhor alude à encíclica *Rerum novarum*. Essa encíclica não tem nada de bem revolucionário. No entanto há, no nosso país, homens a tal ponto conservadores que até o próprio ensino tradicional da Igreja pode parecer-lhes revolucionário. Tornaremos a falar dessa encíclica. Mas há outras frases, esta, por exemplo: «Aquele que não trabalha não tem direito a comer».

Uma voz.—S. Paulo era bolxevista!

M. Sangnier.—...é um pouco mais revolucionária; e são os intelectuais católicos que ensinam que se um homem tiver fome e passar diante duma padaria não tendo dinheiro tem o direito de tomar um pão, porque o pão foi feito para servir de alimento e não para dar lucro aos padeiros.

«Quanto à encíclica *Rerum novarum* ela afirma que os operários teem o direito de sindicar-se. Ela reivindica para êles todos os direitos que foram reconhecidos pela legislação francesa, e os senhores sabem, é claro, que a revolução francesa reconhece o direito de greve.

«Em suma, acusam-se os réus de se servirem do direito de greve, não para melhorar a situação material dos trabalhadores, mas para transformar a organização social; a isso responderão êles talvez que se propõem transformar a organização social para melhorar a situação material dos trabalhadores! Eu, pelo menos, suponho que é êste o ponto de vista deles.

Lebourg.—Desejava fazer uma pregunta à testemunha. O senhor fez, em tôda a França, séries de conferências, onde se dizia que a liberdade não era apenas um direito mas um dever, o mais imprescritível dos deveres. E acrescentava: «Liberdade de pensar quer dizer liberdade de exprimir o que se pensa.»

«Nós estamos aqui unicamente por isso. Não nos acusam de nenhum delito material; acusam-nos apenas de termos exposto ideas diferentes das do govêrno.

«Considera o senhor um dever estrito, para qualquer indivíduo que pense seja o que fôr das instituïções sociais vigentes, exprimir o seu pensamento?

(Continua).

O AZEITE

Patriotismo de lavradores...

BRINCHES, 25.—P.—Está aqui o comissário distrital dos abastecimentos, capitão António Salgueiro, e alguns fiscais, bem como um representante da Manutenção Militar, afim de requisitar azeite para o consumo de Lisboa. Tendo o aludido comissário feito convite à direcção do Sindicato Agrícola para acordarem na melhor forma de se levar a efeito a requisição da quantidade disponível, comprometeram-se os lavradores a fazer entrega do azeite preciso.

O comissário, regressando de Beja onde fora em serviço, e querendo principiar a medir o azeite, constatou com espanto que os representantes do sindicato e os maiores produtores se haviam ausentado para parte incerta, pelo que, desejando cumprir integralmente a missão que lhe fora cometida, começou a tomar medidas, entre elas mandando apresentar uma escolta da guarda republicana de Serpa para reforçar o posto daqui, convidando um serralheiro, bem como o juiz de paz e testemunhas, afim de proceder ao arrombamento dos lagares.

A pedido do juiz de paz não procedeu logo ao arrombamento das portas das adegas, dando 48 horas de espera até que os produtores que quizessem se apresentassem.

Sòmente não se recusaram a entregar o azeite os produtores Evangelista Piçarra e Alexandrino Piçarra.

Na noite de 23 para 24 foi arrombado um casco com azeite que já havia sido requisitado, entornando-se quási todo o precioso líquido, sendo opinião do comissário que êste crime foi aconselhado pelos produtores, encontrando-se já prêso, para averiguações, um indivíduo de que não me foi possível apurar o nome.

O comissário está no firme propósito de meter os lavradores na ordem, obrigando-os a entregar o azeite, usando da força se necessário fôr.

E' para frisar que êstes honrados lavradores são os mesmos que exigem dos govêrnos a repressão de ideias dos trabalhadores e se dizem cumpridores das leis e amigos da ordem, sendo agora os primeiros a desrespeitarem as leis, porque pretendem vender o azeite por preços fabulosos, não querendo saber da miséria do povo mas sim do trabalho do mesmo.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Operários Alfaiates

Reüniu o conselho técnico e de melhoramentos, que apreciou o resultado da entrevista havida com dois industriais de alfaiataria, resolvendo-se que por ofício se trate dos interêsses da classe, visto que para eles os apreciarem, os industriais entrevistados, não as aceitaram verbalmente.

O conselho técnico e de melhoramentos aguarda que a classe vá acompanhando estas fases, de modo a estar preparada para uma reünião que breve se há de realizar.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa de Produção e Consumo 2.ª Comuna (Alcântara).—Reüniu a assembleia para discussão e aprovação dos estatutos, que depois de aturada e viva discussão foram aprovados na generalidade e especialidade, sendo eleitos os corpos directivos, que são os camaradas seguintes:

Assembleia geral, dois secretários, José Dias e Herculano Augusto Marques. Comissão administrativa: secretário geral, António Rodrigues Graça; adm.º, Filipe Silva Moreira; adjunto, João Maria dos Santos, arquivista, António Rodrigues Ferreira; tesoureiro, António Garcia; vogais, Henrique Viegas e Joaquim Tomé Lopes. Conselho fiscal: Bernardino dos Santos, Manuel Pereira e João Cabral.

Os investidos são dois mil escudos assim: 20 0/0, para fundo de reserva; 10 0/0 para solidariedade e propaganda; 50 0/0 para fundo escolar; 10 0/0 para conservação e renovação de móveis e utensílios; 20 0/0 para fundo disponível; 10 0/0 para o que a assembleia resolver. As acções são de 25$00, pagáveis em cotas mínimas de 1$00 no prazo de 7 meses; uma cota suplementar de $10 semanais.

Tôda a correspondência pode ser dirigida à rua da Cruz, 9, r/c. O número de sócios é já de 161. Também tem uma caixa económica para fundos individuais, para crise de trabalho ou doença.

Grupo de Solidariedade dos 31 de Belém.—Convidam-se todos os componentes dêste grupo a reünir hoje, pelas 21 horas prefixas, para tratar de assunto de urgência.

Apreensão de azeite em Tomar

TOMAR, 6.—Quando as classes trabalhadoras desta cidade estavam reünidas na União dos Sindicatos Operários para apreciar a falta de pão e azeite, teve-se conhecimento da entrada de seis cascos de azeite que vinham de Sernache de Bomjardim.

O povo abandonou a assembleia e correu ao local onde se encontravam os cascos e fê-los conduzir imediatamente para o armazem da comissão de subsistências.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte.....	20.815$67
Quete promovida pela União dos Sindicatos de Beja...	84$82
A transportar.....	20.901049

Lista n.º 1

Contribuintes:

Adriano Pires de Freitas, 1$00; Joaquim Bento de Aguiar, $50; José Bento de Aguiar, $50; Manuel Bernardo Sousa, $50; Francisco Graciano, $50; Manuel Antunes Alves, $05; José Manuel Brazinha, $30; José António Gois, $20; António Pardal, $10; João S. Lucio, $50; António Paizano, $15; João da Santa, $20; Francisco Alves, $20; Augusto Almeida, $10; António Joaquim, $20; José Farinha, $10.

Joaquim Ramos, $20; Francisco Carocho, $20; Carolina, $20; Joaquim Guerreiro, $10; João Diogo, $50; Filipe Serra, $10; António Venâncio Pacheco, $20; Sebastião Oliveira, $50; António do Sacramento, $50; Sebastião José Oliveira, $50; Artur Enes, $50; Camilo Chicharo, $20; António Fitas, $50; José Rolim, $50; António Tripinuas, $50; Joaquim Coelho, $05; Joaquim António Toucinho, $05; Joaquim de Rosa, $10.

José Joaquim, $10; Manuel António Leão, $20; António Maria, $30; José Careca, $20; António da Domingas, $20; António Manuel Galrito, $50; José Ciriaco, $10; João Domingos Rosa, $50; Manuel Martins, $50; Bernardo Brito, $20; José Vieira, $10; António Polido, $20; Bernardo Velhuco, $50; José Cascalheira, $20; Luís da Graça, $10; Luciano Cabeças, $20; Francisco Maurício, $20; Raúl Mourinho, $10; José Guerreiro, $05.

Francisco Graciano, $15; António dos Santos Palminha, $10; João Maltezinho, $20; Luís das Dôres Faias, $30; Teodoro José, $10; Anadio Rodrigues, $10; José Palma Evaristo, $20; António Abundância, $20; Segismundo Gonçalves, $30; Francisco Rato, $20; Pedro Manuel, $20; Joaquim Manuel Lança, $25; Maria Martins, 1$00; Maria Engracia Alves, $30; Carolina Guerreiro, $60; Emília Nuno, $20; Luciano Lobo, $20; João Céguinho, $20; Jacinto Monteiro, $20; Francisco Monteiro, $20. Soma, 20.836$82.

Na lista publicada no dia 30 de Novembro de 1920 veio publicado em nome C. M. Varela com $50 quando se deve ler 6$00 produto da venda de duas colecções de *A Terra Livre* e *Sementeira* e mais 2$50 em dinheiro.

Na mesma lista vem A. P. deve ser incluido na verba do mesmo camarada.

Queixas e reclamações

Um que não regula...

Vieram a esta redacção relatar-nos que o armazem regulador da rua das Flores está funcionando duma forma irregular. Enquanto o povo aglomera na *bicha* durante horas e horas para obter um ou dois kilos de feijão, há indivíduos, que depois da porta fechada conseguem obter dezenas de litros dêsse genero. Um individuo estabelecido com loja de mercearia, que se encontra em frente do referido armazem, não sabemos porque motivo, consegue arrancar dêsse armazem para os amigos ou conhecidos, grandes quantidades de generos. Um carvoeiro próximo segue as mesmas pisadas do merceeiro. Este carvoeiro, por exemplo, alcançou ante-ontem dez litros de feijão.

Presos militares e a amnistia

Um grupo de militares que se encontra a ferros no forte da Graça, em Elvas, pelo crime de deserção, lembra a quem de direito, que tendo sido concedida uma amnistia a presos militares por motivos políticos e sociais e achando-se naquelas prisões cheias de familia que derramaram o seu sangue em defesa da República e tomaram parte nas campanhas do norte, de Africa e de França, lastima que não fôsse atingido por essa amnistia, havendo assim uma grande desigualdade na sua aplicação.

VIDA POLITICA

Partido Socialista—Congresso Regional do Sul—Realiza-se na vila do Barreiro, nos dias 10 e 11 de Junho, o Congresso Regional do Sul, tendo sido nomeado para a comissão organizadora António Francisco Pereira, presidente; Martins Luís Horta, secretário geral, Manuel Ryder da Costa, vogal.

As credenciais devem ser remetidas ao secretario até ao dia 20 para a rua da Penha de França, 43, r/c.

Grupo de Propaganda Socialista Renascença—Acaba de se fundar em Lisboa um grupo com o titulo acima, que se propõe fazer por todos os meios ao seu alcance uma vasta sementeira dos principios socialistas.

No próximo dia 22, deve realizar-se a festa de inauguração, com uma sessão solene e sarau dramatico.

Toda a correspondência pode ser enviada para a Rua do Bemformoso, 150, 1.º.

A BATALHA Vende-se em **Oeiras** na casa do Sr. Joaquim Pimentel.

A França prepara-se

para tomar conta da fábrica Krupp

PARIS, 8.—Uma das primeiras cidades que será ocupada no distrito do Rhur, se a Alemanha se não submeter às decisões dos aliados, será a cidade de Essen, onde estão as célebres fábricas Krupp que tiveram durante a guerra 108.000 operários e que teem hoje apenas 40.000 ou seja um pouco menos que antes da guerra. As grandes fábricas Krupp já fôram feridas no seu orgulho; todo o seu material de guerra, as suas 82 prensas hidráulicas, os seus fornos e os seus moldes para obuses fôram quebrados e destruídos. Oficiais aliados, entre os quais um oficial superior francês, delegados da missão Nollet, vivem no rico hotel Krupp e podem penetrar nos ateliers a qualquer hora do dia ou da noite e observar assim se a fábrica Krupp fabrica unicamente material de caminho de ferro e que não substitui as antigas máquinas de fazer obuses por outras.—*Rádio*.

para ocupar todo o distrito do Rhur

PARIS, 8.—A França está activando os seus preparativos para proceder à ocupação do distrito do Rhur. A esta cidade chegam apenas boatos contraditórios àcêrca da formação do gabinete alemão, e portanto há poucas esperanças de que no dia 12 de Maio possa haver uma resposta satisfatória ao ultimátum. As tropas francesas estão-se movendo lentamente em direcção ao Rheno e fortes contingentes abandonaram Nantes acompanhados de muita artilharia.—*Rádio*.

para apoderar-se de Rattingen

PARIS, 8.—Millerand conferenciou com o ministro do trabalho, sendo aprovado o projecto de lei que obriga todos os patrões a manter os empregos dos homens da classe de 1919, que fôrem mobilizados para o distrito do Rhur. A classe de 1921 está recebendo instrução de maneira a poder substituir rápidamente a de 1919 se a ocupação do Rhur fôr demorada. Uma das primeiras cidades a ser ocupada será a cidade de Rattingen, de 13.000 habitantes, a 26 milhas de Essen e a 10 milhas de Dusseldorf.—*Rádio*.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Secção do Beato e Olivais.—Com a presença de dois delegados enviados pelo Núcleo de Lisboa reüniu ontem a comissão executiva juntamente com alguns dos mais activos jovens desta secção, sendo detidamente examinada a sua vida, e em face da boa vontade manifestada por esses camaradas de que a secção seja alguma coisa mais do que tem sido, assentou-se em levar a efeito varias sessões de propaganda tendentes a despertar nos jovens desta localidade o desejo de emancipação.

Os delegados, ao retirarem, manifestaram o seu regosijo pela animação e espirito de sacrifício que encontraram nos camaradas que se propõem erguer da podridão moral em que se encontra a mocidade do Beato e Olivais.

A Inglaterra em guerra

LONDRES, 8.—Durante a guerra o império britânico teve em armas 9.496.370 homens. Na Gran-Bretanha 6.211.427 dos Domínios 1.605'527, e da India 1.679.416. As baixas incluindo 946.023 mortos foram de 3.266.362.—*Rádio*.

Atropelamento mortal

Quando ontem, no Campo Grande, a peieira Joaquina Maria Gomes, de 30 anos, moradora no Campo Pequeno, procurava atravessar a linha do eléctrico, desiquilibrou-se e caiu sôbre os *rails*, sendo então atropelada por um carro que marchava com velocidade e não pôde parar a tempo de evitar o desastre. A morte foi instantânea, ficando a vítima com o crânio esmagado e recolhendo à morgue.

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

MONTE ESTORIL, 2

Subsistências

Fala-se com grande insistência que por estes dias o pão de 2.ª, que é vendido a $40, passará a $50, isto é, sofrerá um aumento de oito vintens em quilo!

Outros generos teem subido de preço, com excepção da carne, que diminuiu $40 em quilo, mas é de boi velho e bravo e rija como pedras.

Azeite ninguém o obtem por menos de 6 ou 7$00 o litro, e mesmo assim por grande favor.—C.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Operários barbeiros—*Grupo de defesa e propaganda*.—Com êste titulo acaba de constituir-se um grupo que se propõe defender as regalias conquistadas e a conquistar. Este grupo convida todos os camaradas a inscreverem-se e deseja manter correspondência com as Associações ou grupos de barbeiros, o que podem fazer escrevendo a Gonçalves Pereira, rua de Arroios, 45, Lisboa.

—Um grupo de barbeiros protesta contra a forma como está sendo desrespeitado o horário de trabalho e convida a classe a impor-se, de forma a que o mesmo horário seja cumprido.

CONVOCAÇÕES

Federação de Calçado Couros e Peles.—Para assunto urgente, reúne hoje o conselho federal, pelas 21 horas.

Sindicato Unico da Construção Civil—Reúne amanhã, pelas 21 horas, em assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Leitura do balancete do 1.º trimestre do corrente ano e nomeação da comissão revisora de contas; nomeação duma comissão para coadjuvar a comissão escolar nos trabalhos para a realização dum benefício; apreciar a atitude de alguns membros da comissão de inquerito a actos do camarada Manuel dos Santos. Além da ordem de trabalhos constam do expediente assuntos de grande importância, devendo comparecer o maior numero de camaradas.

Comissão profissional dos pintores.—Reúne hoje esta secção em assembleia geral, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de grande importância, entre eles a aprovação dos estatutos do Sindicato Unico.

Mecânicos de açúcar.—Reúne a assembleia geral desta classe, hoje, às 18.30 horas, para tratar da situação económica da classe.

Pede-se a comparência a todos os camaradas sócios e não sócios.

Inscritos Marítimos.—Para tratar de diversos assuntos de interêsse para a classe, reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas.

Operários Alfaiates.—Reúne hoje a assembleia geral dêste sindicato com a seguinte ordem de trabalhos.

1.º Continuação da discussão dos regulamentos do Conselho Técnico e de Melhoramentos e das oficinas sindicais;

2.º Apreciar uma consulta do Conselho Técnico e de Melhoramentos sôbre a oportunidade de reclamações a fazer aos industriais.

Compositores Tipográficos—Por determinação da mesa da assembleia geral, é convocada a assembleia geral para quarta-feira, pelas 18 horas prefixas, na sede da Associação, rua António Maria Cardoso, 20 para se pronunciar sôbre uma proposta de um grupo de grevistas que pretende continuar a publicação da *Imprensa de Lisboa* ficando com a parte da propriedade do título que pertence a esta Associação de Classe.

Manufactores de Calçado—Reúne este Sindicato, em assembleia geral extraordinária, amanhã, pelas 21 horas, para apreciar um ofício da U. S. O. respeitante aos camaradas da imprensa que se encontram em luta há mais três meses, sendo por este meio convidados os delegados da U. S. O. e delegados dos trabalhadores dos jornais a fazerem-se representar nesta assembleia para melhor elucidar a classe sobre as fazes do movimento.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Depois de amanhã, em récita da moda, efectua-se, no Nacional, a representação única da célebre peça *A Dama das Camélias*, cuja «reprise» é sempre aguardada com o maior interesse. Desta vez a sentimental obra de Dumas terá como protagonista a distincta e talentosa actriz Palmira Torres, que tem na Margarida Gauthier uma das suas belas criações. A distribuição dos outros papeis da peça, no que se refere ao elemento feminino, é o seguinte: Margarida Gauthier, Palmira Torres; Nichette, Constança de Ernelo; Prudência, Laura Hirsch; Nanine, Sarah Lima; Olimpia, Ana de Oliveira; Annai, Sarah Cunha.

Para esta récita, verdadeiramente sensacional, tem havido muita procura de bilhetes.

Reclames

Hoje, no Nacional, é a penultima representação da notavel peça histórica *Leonor Teles*, que tam enorme concorrência tem atraído ao elegante teatro. Brazão tem, na peça, um explendido trabalho na parte de D. Fernando, sendo igualmente muito apreciável Augusta Cordeiro, na parte de protagonista, e Maria Pia, Laura Cruz, Henrique de Albuquerque e Erico Braga, em vários papeis, também de destaque.

—Hoje, em espectaculo da moda, realiza-se a estreia da famosa violoncelista e pianista parisiense Bernaërt que faz parte do programa da magnífica companhia Great Carmo, que se está exibindo no Coliseu dos Recreios e que está causando a admiração de tôda a gente.

A gentil Petite Gilbert, do *Trio Dumaine* canta um fado em português aprendido em três dias. Mr. e Mme. *Dumaine* dançam pela primeira vez a *valsa* Chaloupin.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21.—«Leonor Teles».
GIMNASIO—A's 21,30—«Negócios são negocios».
SÃO LUIS—A's 21—«J. P. C.», opereta.
POLITEAMA—A's 21,15—«Paris-Monte Carlos».
TRINDADE—A's 21—«O Pescador de Perolas».
AVENIDA—A's 21—«O Pato».
APOLO—A's 21—«Porto, tantos de tal...»
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Troiaró», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Novos trabalhos de Great Carmo.
Variedades e Animatógrafos.—Salões Olimpia, Central, Condes, Chiado Terrasse, Anjos, Promotora, Portugal, Clue-Paris, Ideal e Chantecler.

Rendimentos dos operários

Augusto de Almeida, de 19 anos, oleiro, morador na rua João do Outeiro, 16, 5.º, empregado na fábrica cerâmica do largo do Intendente, foi ontem colhido por uma máquina de moer vidro, que lhe decepou a mão direita. Foi operado no hospital de S. José, recolhendo à enfermaria de S. Francisco.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Libertário Terra Livre—Este grupo previne todos os camaradas ou grupos que queiram com ele manter correspondência, que o não façam com o antigo endereço, mas sim para casa do camarada, Valentim Loureiro, Rua Guilherme Braga, 28, a Alfama.

ACABA DE APARECER
A EXPIAÇÃO
POR
Manuel Ribeiro
PEDIDOS À
Administração d'A Batalha

Partido Comunista Português

Casa precisa-se para instalação dêste organismo.

Dirigir carta à Junta Nacional do Partido, para a sede provisória, R. do Arco Marquês do Alegrete, 30-2.º Dt.º

Não me ralo!
Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, *e por um preço baratissimo, compro um chapeu bom, bonito, bem acabado e duma solidês capaz de resistir a todos os vasos.*
CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês do Alegrete, 54-51
LISBOA

América do Norte, Brasil, Argentina, colónias e Europa
Tratam-se de documentos para passaportes e passagens em qualquer classe, com a maior brevidade para tôdas as pessoas.
GABRIEL LUIS, agente habilitado—RUA DE S. JULIÃO, 142, 1.º—LISBOA.

Africa Ocidental e Oriental
Vapor BEIRA
Sairá no dia 15 do corrente para Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, B. Dias, Chinde, Quelimane, Angoche, P. Amélia, Ibo e Tungue, com transbordo.
Para carga, passagens e quaisquer esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios
— DA —
Companhia Nacional de Navegação
EM LISBOA: R. do Comércio, 85
NO PORTO: R. da Nova Alfandega, 34

QUARTO
Precisa-se nas proximidades da Graça. T. da Senhora da Glória, 12 r/c, Dt.º

PURGAÇÕES Experimente V. Ex.ª a Agua alemã de Gross, de quer evitar a impotência e outras doenças. Se não se curar em 10 dias, recebe o sinheiro. Rua da Praça da Figueira, 39.

Pedreiros e serventes Precisam-se nas Obras dos Armazens de Beirolas.
OLIVAIS

A' Rapaziada!!!
As valentes e pêras!

Botas de vitela branca para homens, de 1.ª a 20$750.
Botas de vitela branca de 2.ª a 18$750.
Botas de atanado branco a 16$750.
Botas pretas, 2 sola a 19$750.
Botas pretas, 2 solas a 22$750.
Botas de calf preto, forma americana, 1 sola, preço réclame a 23$750.
Sapatos para senhora a 11$500, 15$000, 16$00.
Sapatos em pelica verniz para senhora, salto à Luis XV, a 15$000.
Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Noticias».
SAPATARIA S. ROQUE
6 Largo Trindade Coelho 7
(Antigo Largo S. Roque)

TINTURARIA
Preto fixo e tôdas as côres, só na tinturaria Alcantarense, onde se tinge tôda a qualidade de vestuário. Rua de Alcântara, 19.

SAPATARIA
Marques Ferreira & C.ta
Calçado de luxo em todos os géneros pelos mais elegantes modêlos, executa-se com tôda a perfeição e solidês na Rua da Procissão, 141, tomando também conta de todos os consêrtos.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

1.º aditamento à tarifa especial n.º 1—Pequena velocidade

Transporte de azeite de oliveira, azeite industrial e azeitonas de Barquinha para determinadas estações ou vice-versa

A partir de 5 de Junho de 1921, o preço a cobrar pelo transporte de remessas de:

—Azeite de oliveira em «vasilhame de madeira ou ódres», de Barquinha para as estações de Ovar até Campanhã, ou vice-versa;

—Azeite industrial (óleo extraido do bagaço de azeitona por qualquer dissolvente), de Barquinha para Lisboa, Bemfica, Amadora, Gaia e Campanhã, ou vice-versa;

—Azeitonas (com ou sem água) «em taras não designadas» de Vendas Novas para Barquinha ou vice-versa;

a expedir ao abrigo da tarifa especial n.º 1 de pequena velocidade, terá como limite máximo o preço de transporte que a essas remessas corresponderia pela mesma tarifa se, em vez de Barquinha, elas se destinassem a Abrantes ou de Abrantes procedessem.

Ficam em tudo o mais em vigor as condições da tarifa especial n.º 1 de pequena velocidade, em aplicação desde 28 de Março de 1920.

Lisboa, 3 de Maio de 1921.

O engenheiro sub-director da companhia.—*Santos Viegas*.

AOS MESTRES DE OBRAS E PINTORES
Empreguem sempre de preferência, em todos os trabalhos de pintura, brochas de confiança.
Exijam sempre a acreditada marca F. P., gravada nos cabos, como garantia da qualidade.
MARCA F.P. REGISTADA
A' venda em tôdas as boas drogarias

GRANDES ARMAZENS DE CALÇADO
21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A
(antigo Arco de Santo André)
Visitem este importante estabelecimento onde encontrarão um completo sortido de calçado para homem, senhora e criança, por preços sem competência.
Calçado de Homem — Saldo: Bota de vitela branca..... 16$15; » » » americana..... 23$85
Calçado de Senhora — Saldo: Sapato de pelica preta..... 11$00; » » verniz da moda 20$00
Calçado de luxo por medida
Encarrega-se de concertos de tôda a espécie

FERRAGENS E FERRAMENTAS
Valério, Lopes & C.ta L.da
Telefones (central) 2778 e 3478
Telegramas Ferrame
Ferramental completo para todos os ofícios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carris, vagonetas e todos os pertences de material «Decauville»
22, Largo de S. Julião, 23
70 Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7
LISBOA